UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

IAGO HAIRON DE MELLO DE SOUZA

**MUDANÇAS CLIMÁTICAS, PROGRESSO, DESENVOLVIMENTO E CULTURA:**

UMA *SOLUÇÃO-PERSPECTIVA* PARA A CRISE CLIMÁTICA GLOBAL.

CACHOEIRA-2015

**Mudanças Climáticas, Progresso, Desenvolvimento e Cultura:** uma *solução-perspectiva* para a crise climática global.

*Iago Hairon [[1]](#footnote-1)*

**RESUMO**

O inicio do século XXI vem sendo marcado pelos enormes impactos das mudanças climáticas, milhares de milhões de pessoas morreram e mais milhares continuam morrendo a cada dia sob seus efeitos ao tempo em que governos de todo mundo tentam chegar a um novo acordo global sobre clima e se adaptar a uma nova agenda de desenvolvimento. Estabelecendo as conexões entre as mudanças climáticas, os conceitos de Progresso, Desenvolvimento e Cultura; este artigo tem o objetivo de construir uma ponte na relação de que todos os cataclismos climáticos atuais e toda a ameaça às futuras gerações por seus impactos são consequências diretas da dominação homem x natureza. Da ideia de progresso e de desenvolvimento unilateral passada pelo colonialismo, sendo intensificados ao longo da história após a revolução industrial. A crise climática atual constitui-se primordialmente em uma crise cultural gerada ao longo dos séculos da modernidade. Desta forma, a solução-perspectiva na adaptação e mitigação as mudanças climáticas e o alcance de um acordo entre países não poderia estar em outro âmbito a não ser o cultural.

**PALAVRAS-CHAVE**

Mudanças Climáticas, Cultura, Progresso, Desenvolvimento.

**- A NOVA PERSPECTIVA**

Todos em roda, em uma mão a mulher segurava um chocalho, na outra levando à sua boca estava uma concha, onde ela entoava um som tão calmo quanto um pôr do sol em uma ilha longe de toda barulheira de uma grande cidade atual. A sua frente existia diversos símbolos que com toda certeza em uma perspectiva do estruturalismo Lévi Straussiano eram responsáveis pela constituição do social, através de relações que, por sua vez, formam conjuntos de sistemas de comunicação que eram passadas para as pessoas. Entre esses símbolos, estavam pedaços de madeira, incensos, mantas coloridas e folhas, diversos tipos de folhas nas quais se destacava a folha de coca. A mulher que eu não sabia o nome, mas a qual ouvi chamarem de Maria, pediu para os presentes pegassem uma folha ou uma quantidade de folhas de coca e mascassem, claro, com alguns rituais que deveriam ser seguidos milimetricamente: sempre mascar do lado direito da boca; e nunca engolir os restos de folha. Maria definitivamente era uma indígena e sentia-se orgulhosa da sua cultura ao falar sobre. Porém mesmo se ela não falasse as suas características eram inconfundíveis. Aquele era um momento espiritual e segundo ela todos deveriam estar de coração puro para entender a lógica nova que seria apresentada. Ao mascar a coca alguém no circulo comenta – que azedo! Maria prontamente respondeu - não é azedo, é que cada vez mais nosso paladar está perdendo o contato com os gostos da mãe terra, da Pacha Mama. Seguindo de um - *Nosotros tenemos que reconectarnos con nuestra Pacha Mama.*

Estava no Peru, mais especificamente em Lima, capital desse país que segundo o Relatório da ONU-CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina e Caribe- intitulado de: *Povos Indígenas da América Latina: Progressos da Ultima década e Desafios para Garantir seus Direitos*, vivem sete milhões de indígenas. A Pacha Mama é a divindade máxima dos Andes peruanos e respeitadíssima entre aquele povo. A imagem do ritual naquele momento era bem eminente, o espectro de curiosidade excitação que me rondava não deixava com que, por hipótese alguma, prestasse atenção em outra coisa que não fosse os cânticos e as mensagens vindas de um arcabouço cultural de magnitude incontestável, expressada por Maria.

Seria mais provável vivenciar essa experiência se estivesse em uma das enormes comunidades indígenas da Capital Peruana, mas estava no Pentagonito, nome que remete ao pentágono dos Estados Unidos, e que é o quartel general do exercito do Peru. Lá acontecia a vigésima Convenção-Quadro das Nações Unidas Sobre Mudanças Climáticas –UNFCCC- também conhecida por Conferência das Partes ou simplesmente COP.

Em meio a discussões politico diplomáticas ferrenhas entre negociadores de todos os países do mundo para se chegar a um novo acordo climático global, a defessa de lobby points por grandes corporações e indústrias visando a manutenção da economia mundial, e em meio a grande desastres naturais ao redor do planeta. Aquela mulher, indígena, carregada de uma nova perspectiva ainda desconhecida por mim falava coisas que naquele momento faziam mais sentido que as dezenas de debates, side events, apresentação de cientistas e as negociações da conferência. - Nós precisamos nos reconectar com a Pacha mama, precisamos aprender com os nossos antepassados e respeitar a natureza, somos filhos da terra, somos filhos da mãe terra, e como filhos, não podemos matar a nossa mãe, disse Maria.

A conexão entre aquele momento de meditação e o objetivo principal que a conferência das partes se predispõe me fizeram pensar e escrever. Proponho, pois, a ligação entre às noções de progresso e desenvolvimento oriundas de uma visão eurocêntrica e evolucionista passada a partir do colonialialismo, com as mudanças climáticas e a utilização da perspectiva entre natureza x cultura que outras culturas, a exemplo dos indígenas, trazem nesse sentido.

**A LUZ DO PROGRESSO?**

***“O capitalismo mata a Mãe Terra”***

- Evo Morales, presidente da Bolívia, em discurso na vigésima Convenção-Quadro das Nações Unidas Sobre Mudanças Climáticas.

A partir do Colonialismo europeu em terras ao redor do mundo, concepções, ideias e um modelo de progresso e desenvolvimento foram, de maneira mais branda, incutidas forçadamente no pensamento social do colonizado. Progresso remetido a uma perspectiva do iluminismo europeu refere-se à emancipação humana, ao desenvolver do saber e da técnica. Era preciso naquele momento uma ruptura entre o pensamento cristão para o exercício da racionalidade, o progresso como filho do iluminismo, foi “posto a luz” de uma agenda exequível de ações. Inspirado na agenda do progresso está o desenvolvimento que na modernidade se consagrou como tendência nos pactos políticos e socioeconômicos a partir do século XVIII.

*“... as lógicas desenvolvimentistas fundam-se nas dimensões trazidas pela institucionalização da noção de progresso na modernidade: na capacidade instrumental cognitiva-humana e na inscrição de tempo histórico, que acentua a capacidade humana de intervir sobre si e no tempo, imprimindo-lhe direcionalidade. O Tempo programado, pensado, planejado constitui a concepção estruturante da noção moderna de desenvolvimento6; assim como a convicção no domínio da natureza pelo homem, através do avanço dos conhecimentos técnicos e científicos, pressupõe a sua sustentação.”(* ESTENDER & PITTA,2008)

É, pois, nessa concepção estruturante de progresso e desenvolvimento na modernidade e o domínio do homem pela natureza que construo a premissa de que; todos os cataclismos climáticos atuais e toda a ameaça às futuras gerações por esses impactos, são consequências diretas da dominação homem x natureza, da ideia de progresso e de desenvolvimento unilateral passada pelo colonialismo, sendo intensificados ao longo da história após a revolução industrial. A crise climática constitui-se primordialmente em uma crise cultural gerada ao longo dos séculos com a modernidade.

A revolução industrial representou um divisor de águas para a mudança de sistemas de produção no século XIX. A Europa passou rapidamente de sistema de manufaturas para um sistema industrial de confecções de produtos em escala. Essa produção se deu inicialmente com a primeira máquina a vapor e posteriormente não perdendo a ideia de desenvolvimento tecnológico da época, as maquinas movidas a carvão. O capitalismo como sistema econômico alinhado a revolução industrial formou, mais rápido e eficazmente do que se podia imaginar, um mecanismo fortíssimo de dominação homem x natureza. E segundo Fanon “O capitalismo, no seu período de progresso, via nas colônias uma fonte de matéria prima que, manufaturadas, podiam ser despejadas no mercado europeu.” (FANON, 2002).

De acordo com Herculano (1992, apud REIGADA E REIS, 2004) foi a partir da Revolução Industrial que intensificou a exploração da natureza pelos homens. A consolidação da ética antropocêntrica torna a natureza e a cultura humanas, que antes caminhavam juntas, duas coisas distintas e sem ligação.

O que não se tinha conhecimento naquela época, ou se tinha conhecimento e era ignorado pelo poder de poucos que ditavam os movimentos econômicos, é o fato de que: o carvão naquele momento, o gás natural e o petróleo posteriormente estão diretamente ligados aos impactos atuais das mudanças climáticas. Esses combustíveis fósseis lançam gases de efeito estufa a exemplo do gás carbônico e do metano na atmosfera, contribuindo assim para o aumento da temperatura do planeta, como diz o IPCC- Painel intergovernamental sobre mudanças climáticas-. De acordo também com o IPCC desde a revolução industrial a concentração de CO2 (gás carbônico) aumentou de 280ppm(parte por milhão) para 392ppm - ver gráfico 01-. E a inda mais importante, essa concentração é a mais alta nos últimos 420,000 mil anos e provavelmente nos últimos 20 milhões de anos.

No gráfico a seguir a linha cinza mostra a quantidade e emissão de CO2 desde 1850, que choca pós-revolução industrial, até os anos 2000. As taxa das emissões são consideradas altíssimas para um intervalo de somente 150 anos.

Gráfico 01 - IPCC

A conexão que quero estabelecer e a ótica que quero construir é que, em decorrência do colonialismo, concepções de progresso e desenvolvimento foram passadas de colonizador para colono, pautados em uma lógica ambientalmente insustentável ao longo dos últimos 200 anos, e isso se reflete nos impactos climáticos atuais. Definições eurocêntricas e evolucionistas de progresso e desenvolvimento foram, a força, injetadas, desconstruindo assim conhecimentos locais e a forma com que populações colonizadas tinham de enxergar o relacionamento com a natureza.

Entre essas formas de enxergar o mundo, cito o excepcional de Viveiros de Castro em “Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio” que trás a perspectiva do pensamento ameríndio no âmbito da discussão entre Natureza x Cultura e diz que “o mundo é habitado por diferentes espécies de sujeitos ou pessoas, humanas e não humanas, que o apreendem segundo pontos de vista distintos”. Ora, esses pontos de vistas distintos são, pois, a linha tênue entre uma percepção de natureza, animalidade e meio ambiente entre culturas. O que enxergamos como natureza, nada mais é do que a nossa percepção cultural do que é a natureza, e isso é mutável entre culturas.

**UM NOVO DESENVOLVIMENTO**

**“*There’s no Planet B!*”**

- Ban-Ki-Mom

A forma com que a natureza foi posta na agenda de desenvolvimento ao longo do século XIX e XX por um poder colonial requer hoje uma reavaliação. No início dos anos 1900 no Brasil, por exemplo, iniciou-se um grande ciclo desenvolvimentista pautado única e exclusivamente na utilização nos recursos naturais, ainda abundante, disponíveis. Desmatava-se para construir grandes minérios e a borracha foi um dia a principal fonte econômica da região amazônica, gerando assim um dos maiores comércios mundiais no século passado. Colonizadores e mais colonizadores europeus repetindo o mesmo movimento desde 1500, vieram agora, em busca do ouro amarelo e do ouro branco do Brasil.

Impulsionados, justamente pelos impactos que a lógica desenvolvimentista estava causando na natureza e na relação com o meio ambiente, o movimento ambientalista surge na década de 1960 com o intuito de questionar essa convivência que a humanidade estava tento até aquele momento com os recursos naturais e o meio ambiente. Claro que não posso deixar de dizer que o movimento ambientalista também surge como um movimento colonizador, com uma ideia de respeito à natureza imposta, em uma só ótica, a do colonizador que agora começava a ter noção do quão importante a relação com a natureza para a manutenção de uma lógica imperialista. E retomando o perspectivo ameríndio, não podemos partir do pressuposto de uma única relação entre natureza e cultura entre todas as sociedades.

Porém o movimento ambientalista teve seus êxitos, encontrando como grande aliados o movimento de contra cultura e o movimento hippie no debate da convivência homem x natureza. Foi a partir daí que diversos países começaram a pensar e pautar o meio ambiente como agenda de governo.

 A Primeira grande conferência para se debater meio ambiente foi a ECO-92 - Conferência das Nações Unidas Sobre Desenvolvimento Sustentável-, que aconteceu no Rio de Janeiro em 1992. Naquele dado momento estaria posto um novo grande desafio à continuidade do chamado desenvolvimento conhecido então, ameaçado pelo não planejamento do uso dos recursos naturais e da falta de convivência harmônica com a natureza nos últimos séculos. Surge ai o conceito de desenvolvimento sustentável que ao lado da educação ambiental formam uma das principais metas na agenda de ação de organogramas governamentais de todos os países no século XXI.

“*Em essência, o desenvolvimento sustentável é um processo de transformação no qual a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional se harmonizam e reforçam o potencial presente e futuro, a fim de atender às necessidades e aspirações humanas.” (*ESTENDER & PITTA. 2008, pág. 22)

A concepção de desenvolvimento sustentável seria a intersecção entre o ambiental, o social e econômico, porém a meu ver, atualmente essa intersecção caminha a passos curtos e lentos apenas na esfera ambiental e econômica. Como dito anteriormente, a noção de educação ambiental veio incutida com o desenvolvimento sustentável. É através da educação ambiental que educamos as futuras gerações em/para uma lógica de relação com o meio ambiente mais concisa, sabendo de todos os prós e contras de nossas ações em ralação ao mesmo.

A educação ambiental torna-se necessária dentro da pauta da sustentabilidade, seria a não consciência de práticas ambientais que geraria uma postura de dependência e desresponsabilização provocando consequentemente um déficit de práticas comunitárias baseadas na participação e no envolvimento dos cidadãos, e na co-participação da gestão ambiental. A educação ambiental é, pois, a condição necessária para transformar um quadro de crescente degradação socioambiental. (JACOBI, 2003)

**O PAPEL DA CULTURA**

Mas e qual o papel das outras visões culturais na relação homem x natureza? Primeiro é oportuno salientar que parto da concepção de cultura de Roque Laraia em *Cultura um conceito Antropológico,* compreendendo a cultura como diferentes visões de mundo.

Para responder a questão retorno a Maria, a indígena que me causou toda essa reflexão citando Tim Ingold em seu artigo *Humanidade e Animalidade* “não há apenas uma maneira de ser. A “apdtão para a cultura” sejam quais forem os demais sentido da expressão é uma capacidade de gerar diferença... é através dele que a essência da condição de humanidade se revela como diversidade cultural. “. É nessa diversidade que quero focar, a cultura indígena de Maria, enxerga a Pacha Mama como algo sagrado, algo intocável e inviolável. Muito se discute sobre as soluções diplomáticas, econômicas, de adaptação e de mitigação das mudanças climáticas em uma COP. Nada se discute sobre a construção social da nossa relação com a natureza e todos os recursos que dela utilizamos, é como se essa relação fosse intrínseca para toda a humanidade. Maria me fez refletir sobre isso.

Nos dias atuais, nos confrontamos com os enormes índices de desmatamento na Amazônia[[2]](#footnote-2). Milhares de arvores são derrubadas a cada dia visando à transformação da área desmatada em pastos para gado, além da utilização da madeira ilegalmente. Em contrapartida, essas ações insustentáveis - no sentido de sustentabilidade - acontecem ao mesmo tempo em que diversas pesquisas científicas confirmam a relevância que uma arvore, e mais especificamente, a relevância que a floresta amazônica exerce na manutenção do clima global.

 Não indissociável cito Antonio Donato Nobre, pesquisador do INPE (Instituto nacional de pesquisas espaciais) em *O Futuro Climático da Amazônia.* Nobre explica a importância da floresta amazônica, para o sistema climático mundial, associando o desmatamento naquela região com **regulação das chuvas** em diversas áreas do Brasil através dos chamados rios flutuantes.

Ora, Maria e toda a sua cultura já sabiam dessa importância, a sacralidade de uma arvore é tema fundamental em sua perspectiva. Segundo ela uma árvore – tira as impurezas do mundo. Se pegarmos a visão relacional entre natureza x cultura de Maria e adaptarmos a visão imposta hoje sobre a natureza, podemos considerar a impureza do mundo o gás carbônico, e então perceberemos mais uma vez que ela estava certa, pois as arvores são o único mecanismo capaz de reter CO2 através da fotossíntese. Elas tiram a impureza do mundo!

**A SOLUÇÃO-PERSPECTIVA OU PERSPECTIVA-SOLUÇÃO**

Vinte conferências sobre mudanças climáticas da ONU aconteceram desde 1994. Todas elas movidas pela intenção de se construir mecanismos de diminuição da emissão de gases de efeito estufa, a mitigação (diminuição) e adaptação às consequências das mudanças do clima. Entre os acordos fechados posso citar o Protocolo de Quioto como o mais famoso.

O fato é que até agora nenhum acordo global sobre clima teve eficácia em sua determinação. Em 2009 na COP15 em Copenhague que era considerada a grande esperança no processo de negociações climáticas decepcionou a todos. A decepção gerou grandes movimentos vindos da sociedade civil presente que demostraram-se insatisfeitos com os resultados das negociações na Convenção. Essa insatisfação por outro lado, impulsionada pela grande mídia presente, fortificou a agenda climática mundial. Diversos movimentos sociais que não debatiam mudanças climáticas a partir daquele momento começaram a criar agendas de ações sobre o tema.

A outra parte da fortificação do movimento climático se deu no âmbito dos eventos climáticos extremos que devastaram diversos países na primeira década dos anos dois mil, nos quais milhões de pessoas morreram ao redor do mundo em decorrência de furações, enchentes, secas, terremotos, tsunamis, deslizamentos de terra, entre outros. A ação efetiva era necessária nesse sentido. As mudanças climáticas representam um perigo real para a sobrevivência das futuras gerações. E desde então, nunca ouviu tanto se falar em justiça climática[[3]](#footnote-3).

Abro um parêntese oportuno, nesse exato momento em que escrevo esse artigo, continuamos a nos deparar com os efeitos extremos das mudanças climáticas, acontece no Brasil o primeiro tornado no estado de Santa Catarina, o Nepal é devastado por um terremoto, e no Chile a erupção de um vulcão vem causando grandes transtornos.

Quatro anos depois de Copenhague, na COP19 em Varsóvia, seguidos de anos inóspitos de esperança junto às negociações de um novo acordo mundial sobre clima o mesmo espectro de insatisfação se repetiu. Pela primeira vez na história das COPs aconteceu um Walk Out. Todos os movimentos de sociedade civil, entre eles jovens, indígenas, mulheres e ambientalistas deixaram as negociações, nas quais segundo eles, os negociadores só estavam representavam os interesses das grandes corporações.

A ponte que quero construir nesse breve relato sobre as COPs é que: o progresso construído ao longo desses séculos se mostrou ineficaz mesmo posto “a luz” e o desenvolvimento mostrou-se apenas na esfera econômica, gerando diferenças e segregações socioeconômicas discrepantes e alterações climáticas irreversíveis. Hoje os debates para um novo acordo global de redução de gases de efeito estufa, a transição de uma matriz energética que não mais utilize combustíveis fósseis e a ideia do controle do desmatamento é central não só para ambientalistas, mas para governos e grandes empresas.

Meu pensamento é que todo o movimento da procura de uma alternativa, ou alternativas, às mudanças climáticas pode estar não somente na área político diplomático, mas sim na área política antropológica. Os símbolos, a simbologia expressada, e as atitudes de Maria no episódio que relatei no inicio do texto me fizeram pensar que a solução-perspectiva pode estar na cultura e nas formas culturais de enxergar o convívio homem x natureza, que não partem do pressuposto da dominação. O respeito e a divindade, expressado em cada gesto dela durante aquela apresentação são de uma construção ímpar e inegavelmente esperançosas.

 A realidade é que enquanto não enxergarmos a força que a Pacha Mama representa no imaginário antropológico, e replicar isso em uma lógica pós-colonial em que a cultura servirá de guia para todos os acordos globais sobre clima, estaremos andando ao redor de um lago que a cada volta estará mais seco. A resposta para toda essa questão, ainda não pensada anteriormente, pode justamente estar nessa visão de mundo do colonizado com a natureza.

“...No one drowning, baby

No one’s moving

No one’s losing

Their homeland

No one’s gonna become

A climate change Refuge

Or should I say

No one Else

To the carteret islanders of papua guinea

And to the taro islanders of the solomon islands

I take this moment

To Apologize you

We are drawing the line here

Becouse baby we are going to fight...”[[4]](#footnote-4)

- A poem tom my Doughter

Kathy Jetnil-Kijiner, das Ilhas Marshal, em discurso na Cerimônia de abertura da United Nations Climate Summit- New York 2014.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

***Povos Indígenas da América Latina****: Progressos da Ultima década e Desafios para Garantir seus Direitos*. ONU-CEPAL. United Nations Publications. 2010.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um Conceito Antropológico**. Zahar, 1989

HOBSBAWN, Eric J. **A Era das Revoluções,** Europa 1789-1848; tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel, Rio de Janeiro, 1977. Original em Inglês: The Age of Revolution. Europe 1789-1848.

ESTENDER, Antonio Carlos & PITTA, Tercia de Tasso Moreira. **O Conceito de Desenvolvimento Sustentável**. Revista Terceiro Setor, v.2, n.1, 2008

VEIGA, José Eli. **Desenvolvimento sustentável – desafio do século XXI**. Garamond, Rio de Janeiro. 2005

**A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciencias sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Edgardo Lander (org). Coleccin Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autnoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005

INGOLD, Tim**. Hunanidade e Animalidade**

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. **Desenvolvimento, Progresso e desenvolvimento Econômico**. São Paulo School of Econommics, Working Paper 368. 2014

DE CASTRO, Eduardo Viveiros. **Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio.**

IPCC- Intergovermental Panel on Climate Change, **Summary for Policymakers 5th Assessment Report.** 2014

BAPTISTA, Rosanita Ferreira. **Gênene e Crise dos conceitos de progresso e de Desenvolvimento na Teoria Social**. XIII Congresso Brasileiro de Sociologia. UFPE

GIDDENS, A. 1991. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista

JACOBI, Pedro. **“Educação Ambiental Cidadania e Sustentabilidade**”. Cadernos de Pesquisa, n. 118, março/2003.

REIGADA, Carolina e REIS, Marilia F. de C. Torozi**. Educação Ambiental para Crianças no Ambiente Urbano: uma Proposta de Pesquisa-Ação**.Ciência & Educação, vol.10, n.2, pág. 149-159, 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Ed.Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro: 2003.

1. Graduando em Ciências Sociais pela universidade federal do Recôncavo da Bahia [↑](#footnote-ref-1)
2. De acordo com o relatório *O Futuro Climático da Amazônia*, um total de 762.979 quilômetros quadrados de desmatamento foram acumulados na Amazônia - mais do que a soma das áreas de três estados de São Paulo. [↑](#footnote-ref-2)
3. Justiça climática, é ligação entre os direitos humanos e a mudança climática, deve ser um pilar da agenda de desenvolvimento a partir de 2015, segundo Mary Robinson, ex-presidente da Irlanda (1990-1997). [↑](#footnote-ref-3)
4. <http://www.un.org/climatechange/summit/2014/09/watch-marshallese-poet-kathy-jetnil-kijiner-speaking-climate-summit/>, acessado em 25/04/2015. [↑](#footnote-ref-4)